

A GUERRA ISRAEL-HAMAS VISTA PELA ADE

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Maria Ivoneti Busnardo Ramadan

Si vis pacem para bellum

Abstract: Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) has as its fundamental principles the unconditional defense of life and the fight against avoidable suffering. Our objective in this communication goes beyond the idea that all war is absurd and brings suffering to many people. We will talk about a specific case, the war between Israel and the Palestinian group Hamas. First, there was the kidnapping of innocent Israelis by members of Hamas. In retaliation, Israel began a relentless war against this group. These are two types of suffering. On the one hand, we have the suffering of the families of Israeli people, including children and the elderly, who were kidnapped by Hamas and taken to the Gaza Strip. On the other hand, we have the catastrophic effects of Israel's attack on Hamas, not just bombing buildings, devastating entire neighborhoods and invading the territory of the Gaza Strip. ADE predicts degrees of suffering and we intend to take a stance on the war, regardless of the discourse on both sides. To do so, we will use not only the two principles mentioned above, but also the discussion about suffering, pain, respect, compassion and fear in EDA, made by Fernandes (2021).

Key-words: Israel-Hamas war; Suffering; EDA.

Resumo: A Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE) tem como princípios fundamentais a defesa incondicional da vida e a luta contra sofrimento evitável. Nosso objetivo nesta comunicação vai além da ideia de que toda guerra é absurda e traz sofrimento a muita gente. Falaremos de um caso específico, a guerra entre Israel e o grupo palestino Hamas. Primeiro, houve o sequestro de inocentes israelenses por membros do Hamas. Como represália, Israel iniciou uma guerra sem tréguas contra esse grupo. Trata-se de dois tipos de sofrimento. Por um lado, temos o sofrimento dos familiares das pessoas israelenses, inclusive crianças e idosos, que foram sequestradas pelo Hamas e levadas para a Faixa de Gaza. Por outro lado, temos os efeitos catastróficos do ataque de Israel ao Hamas, não apenas bombardeando prédios, devastando bairros inteiros e invadindo o

território da Faixa de Gaza. A ADE prevê graus de sofrimento e nós pretendemos nos posicionar sobre a guerra, independentemente do discurso dos dois lados. Para tanto nos valeremos não só dos dois princípios supramencionados, mas também da discussão sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na ADE, feita por Fernandes (2021).

Palavras-chave: Guerra Israel-Hamas; Sofrimento; ADE.

1. Introdução

Se queres a paz, prepara a guerra. Essa é a tradução da popular frase latina da epígrafe. A expressão remonta à filosofia militar romana, segundo a qual a paz só poderia ser alcançada se houvesse prontidão para a guerra. Para tanto os exércitos deveriam ser bem treinados, as táticas militares rigorosamente desenvolvidas, como formas de proteger o Estado e de garantir estabilidade e segurança.

Os romanos tinham convicção de que a guerra era inerente à vida, daí a ênfase na disciplina e na superioridade militar, base do soerguimento do império que atravessou cinco séculos da história ocidental, tributária da herança romana. Alia-se a essa vocação beligerante, um espírito pragmático em inventar leis, implantar dispositivos legais para melhor administrar o império.



Imagem símbolo do Império Romano (www.google.com.br, acesso em 25/11/2023)

Não é sem pudor que talvez possamos dar razão aos romanos, quanto à inevitabilidade da guerra, a considerar a mentalidade belicista, perpetuada na cultura ocidental, como atestam o espírito expansionista e a conquista de territórios pelas nações europeias.

Outro dado também nos desconcerta: paleontólogos comprovaram que os primeiros *homo sapiens* já produziam lâminas que funcionavam como armas e utensílios. Uma incursão pela História permite encontrar na China Antiga a produção de tipos diversos de pólvora a ser usada em foguetes

ECO-REBEL

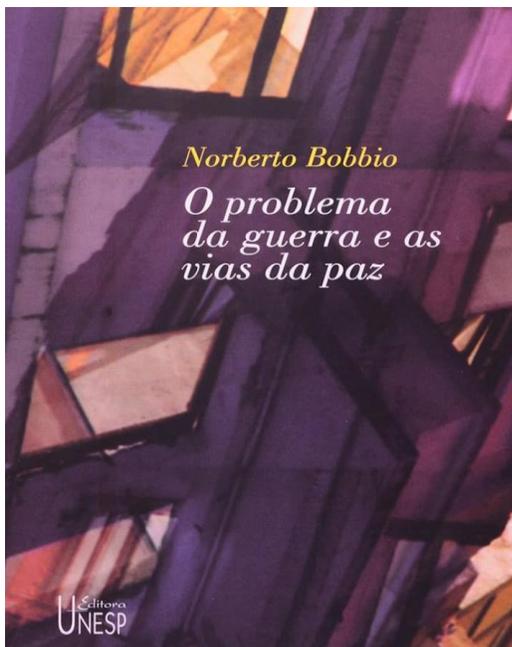
de artilharia, em canhões e em lanças de fogo. (<https://veja.abril.com.br/ciencia/homens-da-caverna-produziam-armas-antes-do-que-se-imaginava>, acessado em 18/11/2023)

O século XV permitiu que muitos povos adquirissem armas de fogo, vindas direta e indiretamente dos europeus. Os japoneses até 1500 não dispunham de armas de fogo, quando as adquiriram dos portugueses. Canhão, pistola, bacamarte, fuzil, mosquete, rifle, espingarda, o arsenal bélico foi-se aprimorando ao longo dos tempos, até chegar às armas químicas, nucleares, aos mísseis supersônicos, com velocidade superior à do som. As potências militares, seguindo o pendor belicista dos romanos, têm dobrado o orçamento para a produção de armas. A bomba atômica lançada pelos Estados Unidos contra civis em Hiroshima e Nagasaki matou instantaneamente mais de 100 mil pessoas.

“Agora eu me tornei a morte, a destruidora de mundos”, declarou o físico Julius Robert Oppenheimer, reproduzindo trecho da escritura sagrada hindu *Bhagavad Gita*. Oppenheimer foi diretor do Laboratório Nacional Los Alamos, ligado ao projeto Manhattan, desenvolvido pelos Estados Unidos com a finalidade de construir as primeiras bombas atômicas.

Sem nenhum dilema moral, os países têm-se aperfeiçoado em deflagrar guerras motivados por interesses econômicos, apropriação de território e por imposição ideológica, determinantes das duas guerras no século passado.

Norberto Bobbio (2003), na obra inspiradora *O problema da guerra e as vias da paz*, escreve:



ECO-REBEL

O único aspecto da ação humana em que o progresso foi constante e contínuo, digamos até triunfal, foi aquele que se refere à potência dos instrumentos com os quais o homem pode dar morte ao homem. À sombra das negociações sobre o desarmamento, os arsenais de todo o mundo continuam a aumentar” (p. 34).

Tomando por base a afirmação de um especialista como Bobbio, é tentador configurar o mundo com uma metáfora onipresente na história da humanidade: uma bomba prestes a explodir por todos os cantos, homens massacrando homens, causando dor, violência e sofrimento.



BOMBA: metáfora das relações humanas

A volúpia na fabricação de armas está na contramão do que afirma Durand (2012), quanto ao uso de armas distintivas, purificadoras, que integram o regime diurno das imagens e exemplificam o arquétipo do bom combatente. Heróis combatentes como São Miguel e São Jorge protagonizam a simbologia do bom combate com o objetivo de separar as trevas da luz. Por isso são chamados de heróis solares, a luta contra as trevas, inscrita em um esquema de verticalização, rumo a uma transcendência.

Longe de redundar em uma lição a ser aprendida, as guerras do século XX, retomadas no alvorecer deste século XXI, simbolizam as forças titânicas que têm dominado o destino dos homens: brutalidade e fúria em oposição “à espiritualidade harmonizante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 886)

ECO-REBEL



TITÃ: símbolo da irracionalidade contemporânea

A metáfora da bomba não comporta eufemismo, ao contrário, vai se tornando hiperbólica, à medida em que a tendência beligerante do homem foi-se acentuando. A produção de armamentos se sofisticou com a tecnologia de guerra, combinada com os códigos algorítmicos.

É justo lembrar o empenho do diplomata brasileiro José Maurício Bustani, que foi eleito, em 1997, para dirigir a Organização para a Proibição de Armas Químicas, mas dois anos depois foi derrubado pela pressão de John Bolton, a serviço dos Estados Unidos, que não hesitam em destruir governos que não pensam como eles e adotam ideologias contrárias às do governo americano.

No entanto, quando se fala em guerra, inevitavelmente se projeta a paz, ou vice-versa, como sugerido na frase da epígrafe: *Si vis pacem para bellum* (Se queres a paz, prepara a guerra). Trata-se de termos dicotômicos, porém complementares, o que permite vislumbrar momentos de trégua em meio à violência das guerras. Foi o que aconteceu no final dos anos 1980. Acreditava-se que com o fim da Guerra Fria começaria um mundo marcado pela paz. Pura ilusão. Tempos depois, novos focos: no Oriente, na Europa Oriental e na Ásia, além de guerras civis espalhadas pelo continente africano. Mais uma vez a humanidade presenciou centenas de mortos, milhões de feridos e refugiados.

O século XXI mal começou, e a guerra da Ucrânia, as tensões entre EUA e China levaram os países a incrementar os gastos com armamentos. A novidade do momento é que não se contesta a

ECO-REBEL

emergência de uma crise vivida pelo ocidente: crise econômica, ecológica, política, demográfica e psíquica. Como consequência, sofrimento existencial, medo e terror em relação ao outro.

Pois bem, nossa finalidade principal neste artigo é comentar o conflito Israel-Hamas tendo por pano de fundo a Análise do Discurso Ecológica (ADE), como exposta em Couto (2020), Couto & Fernandes (2021). Fernandes (2022) não só traça um perfil histórico da teoria como referencia quase toda a literatura pertinente.

Gostaríamos de adiantar que os dois princípios caracterizadores da ADE são:

- 1) Defesa incondicional da vida de todos os seres;
- 2) Essa defesa implica uma luta constante contra o sofrimento evitável.

O primeiro princípio pressupõe mudança de paradigma, não só no que se refere à organização das sociedades, mas também no nosso modo de agir cotidiano. Não se trata de virar a página definitivamente, mas ter o devido discernimento entre o que pode ser preservado e o que deve ser descartado. Temos de fazer trocas: mudar a competição para a parceria; a ganância para a suficiência e o cuidado. Temos de nos desapegar de nossas rígidas categorias de crenças, costumes e nos abirmos a pensamentos mais flexíveis e corajosos.

Tenhamos cuidado, como pesquisadores da ADE, em abordar os fatos e, de pronto, declaramos que apoiamos a criação do Estado de Israel, na verdade, a criação de dois estados, o israelense e o palestino. Esse entendimento procede de uma trajetória humanista como professoras de escolas públicas e de universidades, enriquecida por teorias de cunho humanitário e, hoje, pelos princípios da Ecologia Profunda, que embasam a ADE: defesa da vida, recusa a todo tipo de violência, esforços em favor do sofrimento evitável. Em outras palavras, isso significa adotar outra escala de valores, segundo a qual os indivíduos e as nações se vejam como membros da comunidade humana, pautada pela não violência e pela solidariedade.

Por essa razão não pactuamos com os métodos terroristas perpetrados pelo HAMAS, em 07 de outubro, que levaram à morte em torno de 1.200 israelenses. A ofensiva de Israel pela Faixa de Gaza, na tentativa de capturar os líderes do Hamas, já ocasionou 23,8 mil mortes, entre elas muitas crianças, sem levar em conta os desaparecidos sobre os escombros, conforme a *Folha de S. Paulo*, de 14 de janeiro de 2024. A mesma edição registra que 23 dos 36 hospitais de Gaza já não têm

ECO-REBEL

condições de funcionamento, e os médicos não conseguem lidar com as doenças que se espalham pela falta de água potável.

Evidente que, diante dessa desproporcionalidade de vítimas, a comunidade internacional comece a apontar desrespeito às leis internacionais de guerra, em decorrência do método com que Israel tem conduzido os ataques, dizimando civis indiscriminadamente.

O segundo princípio – luta constante contra o sofrimento evitável – abarca amplas considerações que escapam do alcance destas linhas.

Viver e sofrer é um binômio inseparável. Esse entendimento começa dentro de cada um de nós. Temos de aceitar que cada um tem o seu sofrimento, que é intransferível, uma tarefa única. Há que se saber sofrer. O sofrimento no âmbito individual pode se converter em uma conquista humana. A partir daí é que se pode pensar no sofrimento do outro. Sofre-se no plano individual e no coletivo. Ambos nos desafiam a buscar uma fórmula para atenuar o sofrimento próprio e o do outro. Quando se trata de um sofrimento coletivo, seria justo pensar em uma lei, colocar a questão no âmbito jurídico? Por exemplo, como diminuir legalmente o sofrimento de populações inteiras vitimadas por acidentes, guerras etc? Sofrimento evitável não significa eliminar o sofrimento, o que seria negar a lógica da existência, mas amenizá-lo e extrair dele um sentido e um ensinamento.

2. O conflito Israel-Hamas

É neste cenário de desordem mundial e de crise da humanidade que assistimos à deflagração da guerra entre Israel e Hamas. Não pretendemos recuperar as causas que a detonaram, já que a problemática é complexa e toca em questões históricas, morais, geopolíticas e religiosas. No entanto, o compromisso com os princípios da ADE exige que nos apoiemos em fontes fidedignas. Não se pode confundir judaísmo com sionismo. A criação do Estado de Israel, que determinou a partilha da Palestina, é um projeto sionista, aprovado em 29 de novembro de 1947 em uma assembleia geral da ONU, presidida pelo brasileiro Oswaldo Aranha. A fundação do Estado de Israel se deu em 14 de maio de 1948. No entanto, a ideia de um estado sionista vem de longe. Nos anos 1940, foi deflagrado um plano secreto para mapear o território palestino: levantar em cada aldeia o tipo de produção agrícola, as fontes de água, o número de árvores, a população masculina adulta. Os dados foram usados para a elaboração do plano D- Dalet, plano de guerra do exército israelense para a limpeza étnica da Palestina. Essas informações estão contidas em matéria

ECO-REBEL

publicada na *Folha de S.Paulo*, de 26 de novembro de 2023, escrita por Arlene Clemesha, professora de História Árabe da USP.

É evidente que não foi com a máquina burocrática da ONU que o Estado de Israel foi implantado. Os mentores da criação de um estado israelense trataram de organizar um exército poderoso para fazer frente a qualquer resistência dos árabes. É com júbilo que ainda hoje se comenta sobre a formação do exército israelense. A Revista *Morashá*, ano XXX, edição 121, dezembro de 2023, editada pelo Instituto Morashá de Cultura, em São Paulo, publica matéria em tom ufanista sobre como as armas tchecas salvaram Israel: 400 toneladas de morteiros, bombas aéreas, metralhadoras, lança-chamas, explosivos, tanques, 86 aviões de combate, 25 caças, além de dispor o aeroporto de Jatech para a delegação israelense treinar os pilotos. Tudo isso rendeu aos cofres da Checoslováquia, hoje República Tcheca, 14 milhões e 500 mil dólares. De 1948 até hoje o armamento bélico dos países foi-se aprimorando e não é de se estranhar que, em poucos dias, 85% da população palestina foram deslocados da Faixa de Gaza pelos bombardeios israelenses.

Há 75 anos, a criação do Estado de Israel produziu ressentimentos e feridas incuráveis que reverberaram na escrita do poeta palestino Mahmud Darwich. A aldeia em que ele nasceu, Birwa, foi uma das muitas aldeias destruídas pelos ataques israelenses. Ele registrou em seu livro *A terra nos é estreita e outros poemas*:

Os tiros que atingiam uma aldeia pacífica, Birwa, naquela noite de verão de 1948 não poupavam ninguém. Eu me vi (no dia em que completava seis anos) caçado até o olival, escalando aquela montanha íngreme, por vezes me rastejando. Depois de uma longa noite de sangue, terror e sede, cheguei a uma aldeia estrangeira com crianças desconhecidas (...). Hoje sei que aquela noite pôs fim à minha infância (2012, p, 13).

A foto, extraída do livro acima, é uma criação artística do momento vivido pelo poeta e indica a fuga forçada imposta aos palestinos.

ECO-REBEL



A verdade é que a Guerra Israel-Hamas reacendeu em todo o mundo sentimentos que nunca deixaram de existir, mas estavam em estado de dormência: xenofobia, islamofobia e antissemitismo.

3. Comentários

Evidente que, diante da desproporcionalidade de vítimas, a comunidade internacional começa a apontar desrespeito às leis internacionais de guerra, em decorrência do método com que Israel tem conduzido os ataques, dizimando civis indiscriminadamente.

Devemos atentar também para o fato de que, desde há muito tempo, as notícias sobre o Oriente Médio são filtradas por agências internacionais de notícias, que as manipulam como lhes convém. Por isso nossas referências vêm de fontes independentes, como as veiculadas por Heloisa Vilella, jornalista do ICL (Instituto Conhecimento Liberta), em 15/11/2023, pelos canais do YouTube, em parceria com a rede TVT 44.1 e TVA 98.9, televisão aberta. Segundo esses canais, o alvo preferido

ECO-REBEL

do exército israelense tem sido o hospital AL-Shifa, em Gaza, por se acreditar que nele está o centro de comando das operações do Hamas. A jornalista relata cenas catastróficas: soldados israelenses passando de sala em sala, pelos corredores do hospital interrogando os doentes e pacientes esparramados em macas. Os médicos tentando improvisar covas rasas para sepultar 180 corpos que começavam a se decompor. Mulheres, crianças e bebês constituem a maioria dos mortos civis. A fúria bélica não está poupando ninguém.

A cena dos bebês na mesma cama (abaixo), retirados das incubadoras, porque não havia mais energia no hospital, alinha-se em horror a outras protagonizadas por crianças: a do menino refugiado sírio na praia, morto em naufrágio, a da menina vietnamita, de corpo nu e queimado, gritando de dor, atingida por uma bomba napalm americana, em 1972. E o que dizer das filas de crianças judias no Holocausto? E as crianças israelenses, reféns do Hamas?



Bebês foram retirados de incubadoras por falta de energia elétrica no hospital — Foto: Reprodução do jornal *O Globo*, edição de 13/11/2023

Os senhores da guerra não hesitam em cometer infanticídio, a fim de atingir seus objetivos, mas por que nos esquecemos dessas tragédias? As fotos não são perturbadoras o suficiente, a ponto de as fixarmos em nossas consciências? Susan Sontag, no livro *Diante da dor dos outros*, problematiza as fotos de guerra e sentencia:

Alguém que se sinta surpreso com a existência de fotos degradantes, (...) diante de provas daquilo que os seres humanos são capazes de infligir, em outros seres humanos, em matéria de horrores e de crueldades a sangue frio, ainda não alcançou a idade adulta em termos morais e psicológicos (2003, p, 93).

ECO-REBEL



Vejam-se outras fotos relativas à guerra.

O tom contundente de Susan Sontag nos incita a rever os pressupostos que têm sustentado nossa cultura, o que está em consonância com o que preceitua a ADE: a recomendação de que as políticas precisam ser mudadas, assim como a submissão às leis do capitalismo e à ganância por lucros, donde “a urgência de se reverter os paradigmas mercantis para se preconizar a defesa da existência” (COUTO; FERNANDES, 2021).

Ao pesquisador da ADE impõem-se duas considerações:

- a. Ainda que se reconheça a fotografia como registro da realidade, vivemos em um mundo em que o trabalho fotográfico está a serviço de manipulações consumistas, e as imagens chocantes passaram a ser normalidade, anestesiando nossa capacidade de compaixão para com o sofrimento do outro. Como sedimentar na memória e na consciência fotos de atrocidades, imagens de sofrimento, como romper o cerco da morte (*tanatos*) em favor da vida (*eros*) aspiração última e primeira da ADE? Não nos cabe aqui explorar o assunto, a despeito de oportuno para nosso tema.
- b. O que nos impõe neste trabalho é recuperar algumas pesquisas realizadas por especialistas quanto ao momento em que se deu a criação do Estado de Israel. Em nome da defesa da democracia de Israel, em oposição às ditaduras dos países árabes, muitas

ECO-REBEL

vezes se ignoraram os métodos adotados pelo país sionista para ocupar a Palestina. Uma dessas constatações vem das pesquisas do filósofo e historiador italiano Domenico Losurdo, analista sensível das relações entre a guerra e a paz.

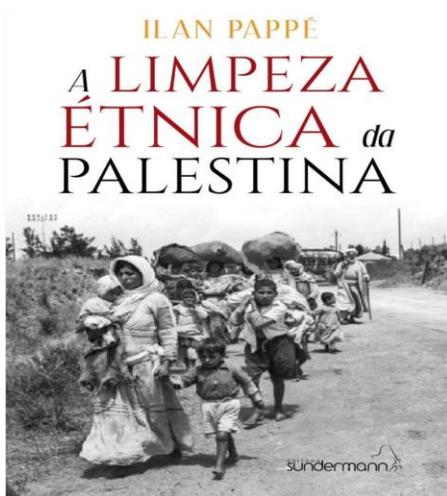
Losurdo (2018) é enfático, ao classificar a ocupação do território palestino como um ato de guerra praticado pela superioridade do exército de Israel. Para ele, “as verdadeiras guerras contra o Líbano e Gaza, quando não se justificam, são julgadas com indulgência ou minimizadas: como se pode condenar Israel como belicista e militarista se se trata da única democracia do Oriente Médio?” (p. 329). Ao contrário, afirma Losurdo, guerras coloniais e imperiais demonstram que, mesmo que institucionalmente um país seja democrático, ele não atua democraticamente. Haja vista o modo como procede o país considerado a maior democracia do mundo, impondo sua soberania aos demais, arrogando-se o direito de declarar o fim do governo de outro país: os Estados Unidos da América, o país guia do Ocidente ou o “xerife internacional”, como Losurdo os designa.

A laboriosa pesquisa de Losurdo aprofunda-se, ao apontar o embargo econômico como uma arma de guerra, uma guerra militar se entrelaça com a econômica e se torna um “instrumento privilegiado por uma potência colonial ou imperial, que controla de forma mais ou menos ampla a economia mundial ou uma importante região do mundo, para garantir a obediência ou a submissão de um país em condições coloniais...” (op. cit: 332).

Ora, o tipo de apagamento que o exército de Israel praticou no território palestino não deixa de ser uma forma de colonialismo, violando os direitos e as garantias de liberdade de civis. Quanto a esse aspecto, fiquemos com o historiador israelense Ilan Pappé, obrigado a se radicar na Inglaterra, por receber ameaças de morte pelas conclusões de suas pesquisas. Em *Dez Mitos sobre Israel*, publicado pela editora Tabla, Ilan Pappé redefine o sionismo como um movimento colonialista, semelhante ao aplicado pelos europeus. A mitologia fundacional de Israel negava aos palestinos o direito moral de resistir à colonização, iniciada em 1882. As pesquisas de Pappé não deixam espaço a dúvidas. Iniciado ainda durante o período britânico, o impulso colonialista era se fechar em comunidades e ignorar a realidade dos palestinos. Confirmamos a afirmação:

Em 1945, o sionismo já havia atraído mais de meio milhão de colonos para um país cuja população total era de mais ou menos dois milhões. Alguns chegaram com autorização do Mandato Britânico, outros sem. A população nativa local não foi consultada, tampouco foi levada em conta sua objeção ao projeto de transformar a Palestina em um Estado judeu” (2022,p. 102)

Mas é com *A limpeza étnica da Palestina*, que Pappé relata os atos de barbárie, praticados pelo nascente Estado sionista de Israel, tais como desarabização da Palestina, destruição das aldeias palestinas, massacre em mesquitas. Cenas de inenarrável selvageria, das quais reproduzimos apenas uma. Um sobrevivente da aldeia de Tantura relata: “ Nós, o povo de Tantura, fomos colocados em uma jaula, despejaram óleo nas nossas roupas e levaram embora nossos cobertores” (PAPPÉ, 2006, p. 238).



É certo que o Hamas não representa a maioria dos palestinos, mas cabe-nos perguntar: que sentimentos, emoções foram-se acumulando na mente dos palestinos desterrados, a ponto de desaguar no terrorismo do Hamas? Não se justificam as ações terroristas do Hamas, assim como as condições violentas impostas aos palestinos, desde a criação de Israel, no entanto, temos de assumir uma posição perante a dor e o sofrimento das pessoas vitimadas pelas guerras.

À medida em que a corrida armamentista e os equipamentos de vigilância foram-se sofisticando, aumentou a insegurança entre as nações, com a ameaça de uma terceira guerra. O medo, o ódio, a raiva se instalaram com a falência das ideias construtivas, com a ineficácia das vias diplomáticas e a submissão do Estado às leis do mercado (FERNANDES, 2021). Qual o valor da vida diante disso tudo?

Há de se considerar que no ciclo vida-morte há um fio que se tece e se desfaz. Morre-se um pouco a cada dia em que se vive. De acordo com Fernandes (2021) “vida e morte são como os dois

ECO-REBEL

extremos do diâmetro de uma circunferência, logo, partes dele, articulam-se ao longo do mesmo eixo. Um extremo não existe sem o outro”. Diante da finitude irreversível, aceitamos que se morra de doenças, de acidentes, de velhice – sofrimentos inevitáveis segundo a ADE –, mas não de atrocidades cometidas por homens contra outros. A morte pela guerra animaliza a espécie e avilta a consciência. No entanto, hoje, o medo, a insegurança, a morte contabilizada nas guerras se tornaram *commodities*, produtos à venda, como os corpos e as postagens das redes sociais.

É inerente à vida a dor e o sofrimento, até como instâncias de amadurecimento existencial. Oportuno lembrar que a palavra “sofrer” deriva do latim *sufferre*, literalmente “sob ferros”, isto é, acorrentado, submetido a opressão, a submissão (www.brainlycom.br, acessado em 20/11/2023). Sofrimento pressupõe dor, seja de ordem física ou psíquica. Essa distinção é importante ao pesquisador da ADE, para que ele pondere sobre como proceder “diante da dor dos outros”, retomando o título do livro de Sontag.

Não dispomos de nenhuma fórmula salvífica, mas frente à dor e ao sofrimento alheio, podemos nos apropriar de **dois dispositivos** ao alcance de qualquer ser humano. O **primeiro** é a sensibilidade e, não, a indiferença, mas uma sensibilidade ativa, que redunde em uma postura, em um compromisso. No mundo pragmático de hoje, sensibilidade pode parecer fraqueza, inabilidade para a vida utilitária de hoje. Mas, ao contrário, é uma ferramenta que permite distinguir o bem do mal e substituir a hostilidade pela hospitalidade, como abertura para o outro, seres submetidos ao mesmo desamparo diante da finitude irreversível.

O **segundo** é a indignação e não a acomodação e apatia, mas, sim, coragem para denunciar a crueldade humana. Infelizmente, perdemos a capacidade de nos indignar diante da corrosão dos valores. Carecemos de figuras exemplares, de estadistas e nestes tempos preferimos nos submeter aos ditames do mercado, à produtividade sem limite, aos excessos de trabalho e de informação. Nossas múltiplas atividades não nos impelem para algo fora de nós mesmos.

Lembremo-nos de Stéphane Hessel, diplomata francês e pioneiro dos direitos humanos na ONU. Aos 93 anos, ele publicou o panfleto *Indignai-vos*, com o qual se insurgiu contra tudo que solapava a liberdade e os direitos universais do homem. Escreveu Hessel que na “sociedade do dinheiro é necessário engajar-se em nome de sua responsabilidade como pessoa humana” (2011, p. 19).

ECO-REBEL

Coincidentemente em 1948, ano da Declaração dos Direitos Humanos e também da criação do estado de Israel, Hessel defendia a existência de um estado palestino, reconhecido internacionalmente, pois, somente assim poderia reinar a paz entre as nações.

INDIGNAI-VOS

“... Sociedade do dinheiro é necessário engajar-se em nome de sua responsabilidade como pessoa humana” (2011, p. 19).

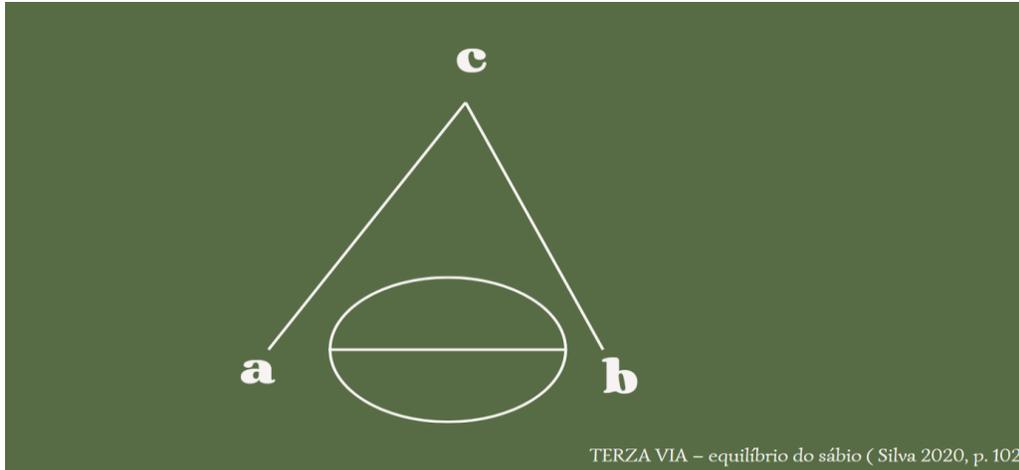
-STÉPHANE HESSEL

O ideal de paz entre as nações não é algo que não tenha sido vislumbrado em vários momentos na história, mas ainda está longe de alcançar os princípios universalizantes, de modo a estendê-los a toda a humanidade. Isso pressupõe a eliminação do flagelo da guerra. Esse é um ideal a ser sedimentado por meio de uma conduta civilizatória de cada um de nós.

Ao defender a ética do cuidado, a ADE propõe um olhar amoroso para com os vulneráveis e os sofredores. Para tanto, cabe-nos suportar o olhar infernal da Medusa, encarnação do terror, contorná-lo em suas dimensões, se pretendemos, de fato, sair do nível do discurso e propor uma intervenção real, trocando a apatia pela compaixão. Essa nos parece uma das mais elevadas tarefas do gênero humano.

Mas, enquanto isso não acontecer, continuaremos a ser, cotidianamente, consumidores de violência, adoecidos por todos os tipos de desvarios e de extremismos, dos quais a guerra é o maior deles.

É insano afirmar que em uma guerra haja um lado vencedor, motivo pelo qual Silva (2020, p. 102) mostrou que há uma *terza via*, a do equilíbrio do sábio. Como se vê na figura a seguir, da posição *c* é possível ter uma visão do todo, diferentemente das partes em conflito *a* e *b* que só veem o seu lado. Isso é unilateralidade, parcialidade, o que pode levar aos radicalismos e fundamentalismos que bem conhecemos.



Basarab Nicolescu (2008), estudioso da transdisciplinaridade, tece considerações sobre as hermenêuticas instauradoras. Ele não exclui os axiomas A e B, inclui um terceiro termo, o terceiro incluído, e integra-os para formar uma unidade mais ampla. Dito de outra forma, na formação do universo, nos sistemas que o compõem, há uma constante, que é a lei dialógica, “baseada na complementaridade dos antagonismos” (MORIN, 2020).

4. Observações finais

Começamos estas linhas com os romanos e finalizamo-las com os gregos. Como na guerra de Troia, em todas as guerras só há perdedores. Na Ucrânia, em Gaza, em Israel, corpos dilacerados, multidões em fuga, algumas em cima de burrinhos, como os civis palestinos, crianças em prantos, cadáveres jogados no chão, crueldade em última potência, tal como fez Aquiles com o corpo de Heitor na *Iliada*. Daí a importância da perspectiva holística, terceira posição (c) da figura supra, que vê os dois lados da questão.

ECO-REBEL



Imagem- símbolo da guerra de Troia

Talvez nós, pesquisadores da ADE, para insuflar os princípios que a sustentam, devêssemos temperar o arcabouço teórico com os imperativos éticos e estéticos que ainda podem emoldurar a vida. E vêm da arte as fontes que nos abastecem para sustentar esse propósito. Em meio às emoções incendiárias de nossos tempos, a tragédia grega nos dá uma pista: não nos apequenemos como seres pensantes. Olhemos o terror, o sofrimento e os horrores do mundo e purifiquemos nossas emoções com piedade e compaixão. Um ideal de vida bela para Schiller consiste em conjugar a moral do dever ser com as finalidades estéticas da existência. A cultura estética, escreve Schiller “é aquilo que deve conduzir a natureza humana à plenitude de seu desenvolvimento, à conjugação de suas forças sensíveis e racionais, enfim, à união de dignidade moral e felicidade” (1990, p.125) Para tanto, precisaremos também de uma dose de esperança, mas uma esperança comedida, a ponto de não descartar as ilusões, nem de se entregar a elas cegamente. Como escreveu Machado de Assis em *Iaiá Garcia*: “Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões”. Talvez seja isso que a foto abaixo queira expressar.



“Encheram a terra de fronteiras, carregando o céu de bandeiras, mas só há duas nações. A dos vivos e a dos mortos...” Mía Couto in. “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”.



Apis Cultural

Referências

- BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CHEVALIER, J e Gheerbrant. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. *Análise do Discurso Ecológico* (ADE). *Árboles y rizomas* v. II, n. 2, p. 1-14, 2020 (Universidad de Santiago de Chile). Disponível em: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/4634/26003658>
<https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>
- COUTO, Elza Kioko Nenoki Nakayama do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecológico (ADE): teoria e prática*, 2021. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/E5.pdf>
- DARWICH, Mahmud. *A terra nos é estreita e outros poemas*. São Paulo: Edições Bibliaspa, 2012.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecológico. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 46-53, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698/29027>
- _____. Breve histórico da jovem Análise do Discurso Ecológico. *Boletim do GEPL* n. 10, p. 62-66, 2022. Disponível em <http://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>
- LOSURDO, Domenico. *Um mundo sem guerras. A ideia de paz. Das promessas do passado às tragédias do presente*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- MORIN, Edgar. *Conhecimento, Ignorância, Mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- PAPPÉ, Ilan, *A Limpeza Étnica da Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2006.
- PAPPÉ, Ilan. *Dez Mitos Sobre Israel*. Rio de Janeiro: Editora Tabla, 2022.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Triom, 2008.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecológico. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STEPHANIDES, Menelaos. *Iliada: a Guerra de Troia*. São Paulo: Odysseus Editora, 2000.
<https://veja.abril.com.br/coluna/neuza-sanches/armas-de-fogo-o-tema-e-tratado-de-forma-politica-e-ideologica/>
<https://veja.abril.com.br/ciencia/homens-da-caverna-produziam-armas-antes-do-que-se-imaginava/>

Aceito em 15 de maio de 2024.